

## SERGIFE

Uns 620 mil habitantes (dos quais nada menos de 154 mil são eleitores) povoam esses 21 mil quilômetros quadrados que se chamam Sergipe. "Cometerel, por amizade a ti e por tristeza minha, este suicídio geográfico que é ir a um lugar que não existe" — disse eu a Joel Silveira.

Pois volto para vos afirmar a todos, com a responsabilidade e, por favor, o crédito de 20 anos de jornalismo honrado, que Sergipe existe, e não somente os sergipanos.

Vi suas dunas de areia tão fina e tão branca, os coqueiros de suas praias, o massapé negro de Cotinguiba, e atravessai léguas de sertão.

"É um Estado pequeno, de grandes problemas", me disse Leandro Maciel. Mas Sergipe está pensando esses problemas. Esse funcionário da Subestação Experimental de Aracajú, do Serviço de Pesquisas Agronômicas, estuda o coqueiro anão e o coqueiro comum. São estudos lentos, e de grande importância para o Brasil; mas além de estudar o dr. Miranda distribui por ano 100 mil mudas de coqueiro. Sergipe tem cerca de 1 milhão de coqueiros, dos quais foram tirados, no ano passado, uns 35 milhões de côcos.

Açúcar, tecidos, algodão, sal, fumo, arroz — toda a produção, toda a vida de Sergipe sofrem com esse porto de mar brávio, entulhado pelas areias que o vento e o rio trazem.

Há uma grande obra a escrever sobre as dragas: as infinitas histórias cômicas e melancólicas dos fracassos dessas dragas. Há um complexo de draga nos homens que sentem e pensam a vida de Sergipe. Dragas que são fantasmas; parece que há um dragão monstruoso, móvel, informe, de areia, guardando esse porto, fazendo de Sergipe um Estado mais mediterrâneo do que Minas, um Paraguai do Nordeste.

E não sei exatamente como esse povo pobre vive ou sobrevive com salários tão baixos e estes preços de Aracajú: o feijão a 5,5 ou 6 cruzeiros o quilo, a farinha a 2,5 o litro, o leite a 3,9, o arroz a 5,5, a cebola a 16, o tomate a 20 ou 25, a batata inglesa a 10, a carne a 9. Há homens ricos, senhores de usinas, que vivem bem, e cujas famílias já tiveram tempo para criar um estilo, uma finura que surpreendem — não esquecerei essa casa e essa capela de Santa Aninha, a sala de visitas de um bom gosto antigo ao mesmo tempo tão áustero e tão fantasia, nem esse menino Jesus de pernas trancadas, nem esse leão do púlpito de Comandaroba, esculpido na bela pedra sergipana.

Meço as profundezas de minha inpo tão austero e tão fantasista; nem eu nunca ouvira falar de São Cristóvão nem dessa encantadora Laranjeiras. Mas esse povo altamente trabalhador é pobre; e quando a seca o faz miserável, ele emigra, vai construir em São Paulo as cidades que deviam ser de Sergipe. Não só o homem, também o capital foge aos impostos, ou a alguma outra coisa que está errada — o dinheiro sergipano vai levantar uma fábrica de tecidos em Alagoas, uma outra de sabão na Bahia.

Sergipe não precisa de advogados estranhos: alguns dos homens mais inteligentes e cultos do Brasil vieram dessa terra onde não se passa uma cidade sem saber onde nasceu um Tobias, um Silvío Romero; hoje mesmo Sergipe está cheia de grandes nomes federais. Mas me deu uma tristeza ver esse esforço tão grande de um povo dando frutos ainda tão mesquinhos. Mostram-me, na rua Gangaleixo, a casa onde nasceu João Ribeiro; mostram-me perto, de Carira a casa onde muitas vezes veio Lampeão — e essa terra tão fina e tão bárbara me conqulista e enternece: a República precisa pensar mais no Sergipe.

13. 5. 51

R. B.